

Dr. Helio Begliomini*Membro Emérito da Academia de Medicina de São Paulo.**Membro Titular do Colégio Brasileiro dos Cirurgiões – Capítulo de São Paulo.***LUIZ PEREIRA BARRETO**

LUIZ PEREIRA BARRETO nasceu em Rezende, estado do Rio de Janeiro, em 11 de janeiro de 1840. Seus pais, abastados fazendeiros da barranca do Paraíba, foram o mineiro comendador Fabiano Pereira Barreto e a paulista Francisca de Salles Barreto. Haviam eles destinado o jovem à carreira jurídica, talvez sob a sugestão do tio, o conselheiro Antonio Barreto Pedroso, mas Luiz Pereira Barreto, desde cedo, se inclinou para a medicina.

Fez seus estudos primários em sua terra natal, no Colégio Joaquim Pinto Brasil, onde iniciou também os preparatórios, os quais, todavia, veio a concluir em São Paulo, no Colégio João Carlos, em 1857.

Com 15 anos, partiu para Montpellier, na França, a fim de completar seus estudos em humanidades e poder matricular-se na faculdade de medicina.

Entretanto, ingressou na Universidade de Bruxelas, na Bélgica. Após três anos de estudos, isto é, em 1860, foi nomeado preparador de química da Faculdade de Medicina de Bruxelas, trabalhando então na cátedra do professor Franqui. Cinco anos mais tarde, em 1865, doutorou-se em medicina e ciências naturais. Voltou ao Brasil no mesmo ano, aos 25, e confirmou com destacado brilho os títulos profissionais obtidos na Bélgica.

No mesmo ano, mais precisamente, no dia 18 de julho, Luiz Pereira Barreto apresentou-se ao exame de suficiência para poder exercer a medicina no Brasil e defendeu tese perante banca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, intitulada Teoria das Gastralgias e das Neuroses em Geral, causando surpresa entre os examinadores, tal o alto conteúdo científico e filosófico para aquela época.

Para o historiador Roque Espencer Maciel de Barros, esse escrito marcaria simbolicamente a nova etapa do desenvolvimento do positivismo no Brasil, no qual Luiz Pereira Barreto é um dos seus titãs. Na citada tese, Barreto escrevia que o espírito humano tem passado por três estados sucessivos: o teológico ou ficício; o metafísico ou abstrato e o positivo ou real.

Um ano após regressar da Europa, desistiu de fixar residência na sua bela Rezende, escolhendo Jacareí para iniciar sua extraordinária carreira médica. Em pouco tempo, adquiriu uma vasta clientela, graças aos seus predicados de clínico dedicado, além de competente e hábil cirurgião.

Nessa cidade se casou com Carolina Leitão Peixoto, em 6 de fevereiro de 1866, filha de Antonio Silveira Peixoto e Ana Leopoldina Gomes Leitão. Tiveram os filhos Clotilde Augusta Pereira Barreto, casada com Jesuíno Ubaldo Cardoso de Mello; José Pereira Barreto, casado com Georgina de Mello Oliveira; Luiz Pereira Barreto Filho; e Paulo Pereira Barreto, que faleceram solteiros. Nesse tempo, Pereira Barreto ingressou discretamente na política, mostrando-se um democrata liberal, nacionalista intransigente, sempre pronto a saltar em defesa dos interesses brasileiros. Desde os primórdios do movimento republicano, ele se filiou à corrente renovadora, aderindo ao manifesto de 1870 e, logo mais tarde, à Convenção de Itu.

Não assinou esse manifesto, nem compareceu à Convenção por espírito de moderação e modéstia, que tanto caracterizava a sua formação moral.

Entre 1874 e 1876 publicou a obra *As Três Filosofias*, em dois volumes. Nela, esclarece Barreto que a primeira filosofia diz respeito aos conservadores, os representantes do antigo passado; a segunda, aos liberais, aos representantes do passado moderno; e a terceira, ao contemporâneo, à ciência atual, vale dizer, o positivismo. A obra é toda baseada em Augusto Comte: em todo o decurso do meu trabalho, não alcanço uma só ideia que não tenha sido emitida por Comte ou sua escola: só me pertencem as eivas da exposição

Propõe a reforma espiritual como solução positiva e fundamental, a qual deverá ser atingida pela educação, como concebido por Comte.

De 1876 em diante, Luiz Pereira Barreto preocupou-se cada vez mais com o problema dos cafezais, em seu progressivo esgotamento, no estado do Rio de Janeiro e na região chamada “norte de São Paulo”. Dessa patriótica preocupação pela sobrevivência de nossa lavoura cafeeira, surgiu o Pereira Barreto jornalista. Dedicou-se, então, inicialmente, à apaixonada propaganda da terra-roxa paulista, pois o seu aproveitamento resultava na própria salvação da cafeicultura. Honesto em todas as suas campanhas, tornou-se também cafeicultor na terra-roxa do oeste. Em sociedade com alguns irmãos, comprou, por 30 contos de réis, uma fazenda de 800 alqueires, situada justamente onde hoje prospera a imponente cidade de Ribeirão Preto. Para lá transportou, com o máximo cuidado, sementes da nova espécie, formando uma das mais ricas lavouras da região.

Em meados dos anos de 1880, Pereira Barreto dedicava-se à campanha de saneamento público no combate a moléstias epidêmicas que assolavam o Brasil, tendo papel preponderante na saúde pública, no combate à febre amarela (com medidas adotadas contra a sua propagação pelo mosquito *Aedes aegypti*, conhecido como estegomia faciatu).

Foi também pioneiro e introdutor, no país, de novas técnicas cirúrgicas; de métodos de anestesia e um dos ardorosos propagadores da antisepsia cirúrgica, logo após as descobertas de Pasteur e as aplicações de Lister.

Em 1887, Barreto começaria a participar da longa e penosa luta contra esse mal, como membro da Comissão Lacerda, que nesse ano esteve em Campinas fazendo os primeiros ensaios para debelar a doença. Em 1889, como ainda grassasse a terrível febre naquela cidade, o presidente da província, Barão de Jaguara, incumbiu Pereira Barreto de preparar a opinião pública para receber, sem choque, a notícia de que o Estado estava disposto a gastar vultosa quantia a bem da higiene para combater o mal. Em março desse ano escreveu Barreto no “A Província de São Paulo” quatro artigos sob o título Febre Amarela, nos quais defendeu a opinião de que o mal seria devido à água contaminada: “teoria das águas”. Mais tarde, quando se descobriu que a febre amarela era causada por um mosquito, Barreto não abandonou completamente a sua teoria hídrica, procurando conciliar as ideias, convencendo-se de que somente o fechamento dos poços e fossas não era o suficiente para debelar o mal. Sendo assim, era preciso atacar o mosquito por todos os lados, já que água estagnada é perigosa, pois é nela que os insetos se reproduzem.

Nos anos seguintes, Barreto passou a se dedicar a campanhas de conteúdo socioeconômico. Seu alvo era mostrar, praticamente, o valor e o poder da ciência, única força capaz de impulsionar a nação para o futuro. Como médico, vê a necessidade de sanear o país; como homem de ciência, percebe a importância de resolver questões eminentemente técnicas. Então, escreve artigos sobre plantações, qualidade e propriedade das terras, especialmente sobre a terra-roxa.

No final da década de 1870, início de 1880, Barreto viu-se envolto em política e tornou-se membro do Partido Republicano. Nessa época, escreveu uma série de artigos para o jornal “A Província de São Paulo”, sob os seguintes títulos: “A Elegibilidade dos Acatólicos” (1879); “A Grande Naturalização” (1880); “Os Abolicionistas” (1880); “Ainda os Abolicionistas” (1880); “A Metafísica” (1881) e “A Nova Lei Sobre a Matrícula de Escravos” (1881).

Mas se assim trabalhava o jornalista, convertido em lavrador pela própria pregação, o médico igualmente não descansava. Tanto cresceu o seu êxito profissional, que Jacaré se tornou acanhada para a enorme clientela, que vinha procurá-lo dos quatro cantos da Província, determinando a sua mudança para a capital, em 22 de maio de 1883, após 17 anos de permanência na bela cidade do Vale do Paraíba.

Em São Paulo continuou a clinicar, a ser lavrador, político e publicista. Data daí a sua participação mais intensa nas lutas políticas, culminando, em 1887, com a sua participação como representante da cidade de São Simão no Congresso Republicano realizado no Rio de Janeiro.

Foi, particularmente, após a sua mudança para São Paulo que Pereira Barreto começou a se interessar mais vivamente pela viticultura e a praticou acidentalmente. Em 17 de maio de 1888, comprou a primeira parte do sítio Santa Carolina, em Pirituba, que, após várias transações, totalizou 110 alqueires de terras,

com 40 mil pés de café e um vinhedo de 10 mil videiras de diversas qualidades para mesa e vinho, um pomar com árvores frutíferas e, o restante, em bosque de eucaliptos, capoeiras, mata e pasto.

“A fortuna que adquiriu na cirurgia, em que foi dos maiores do seu tempo, ele a investiu nas experiências de Pirituba”, narrou Fidelis Reis. Conhecedor das recentes experiências de Pasteur na viticultura, escreveu ao diretor da Escola de Viticultura de Lião, Victor Pulliat, que por sinal, ainda as ignorava, solicitando exemplares de uma variedade rústica. Recebidas as mudas, cultivou-as. Um ano depois, em vez de carta comunicando seus resultados, mandou ao mesmo cientista cachos de uva legitimamente europeia, frutos magníficos que causaram surpresa na França, após notícia na imprensa. O doutor Pulliat, encantado, escreveu ao diretor da Escola Agrícola de Montpellier, professor Foex, dizendo: “Acabo de receber uns cachos de uvas que me mandou o Dr. Barreto, de São Paulo. Se o Brasil tivesse meia dúzia de homens como ele, a viticultura europeia estaria vencida”.

Em Pirituba, no sítio Santa Carolina, onde hoje se localizam os bairros de Vila Doutor Pereira Barreto, Vila Barreto, Jardim São José e Vila Maria Trindade, foi o terreno onde Barreto cultivou a sua grande coleção de vinha. Lá, foram plantadas variedades vindas da França, Egito, Síria, Inglaterra, Alemanha, Portugal, dentre outros países.

Posteriormente, visitando o sítio, um jardineiro da rainha Victoria entusiasmou-se com a coleção de “tibuschinas” e propôs permutar exemplares com variedades raras de videiras pertencentes à mencionada soberana. Provieram dessa permuta, entre outras, a “golden queen” e a “mr. Pearson”.

Emilio Goeldi, em “Videiras Americanas”, escreveu em 1889, que “o Dr. Barreto possuía, já em São Paulo, em 1888, uma coleção de mais de 400 variedades (350 europeias e 60 americanas)”. Barreto calçou grande parte dos vinhedos de Pirituba com pedra e protegeu com telas de arame, pois era bem maior a voragem de pássaros, morcegos, ratos, gambás, acrescidos ainda pelos cachorros do mato.

Após a proclamação da República, com pródromo influenciado por ele, foi eleito, em 1891, senador estadual e primeiro presidente da Assembleia Constituinte. Sobre a proclamação da República e as contemporâneas atividades vinícolas de Barreto, vale a pena transcrever o que deixou escrito Campos da Paz no relatório apresentado ao governo de Minas Gerais – na Exposição Vinícola de São Paulo em 1897: “No dia 15 de novembro de 1889, no momento em que recebia a notícia, em Pirituba, da proclamação da República, o Dr. Barreto acabava de proceder à hibridação da *Rupestris* com a *Chasselas doré*, isto é, fecundava com o pólen da *Rupestris* os órgãos fêmeos da *Chasselas doré*”.

Depois dessa retumbante vitória, de repercussão internacional como viticultor, Pereira Barreto voltou ao café, cultivando-o, desta vez, em Pirituba. O seu intuito era tornar o produto mais barato e facilitar sua exportação pelo porto de Santos. Pediu sementes de todos os países produtores, experimentando-as até encontrar a que melhor se adaptasse ao clima paulistano. Formou assim uma soberba lavoura. Acusado, porém, de pretender transformar São Paulo num imenso cafezal, com prejuízo de outras culturas, e, temente, por sua vez, com os perigos de uma superprodução, desgostou-se e deixou perecer sua florescente lavoura, que chegou a contar com 40 mil pés.

Colaborou em inúmeras revistas e jornais, entre os quais “A Província de S. Paulo”, hoje, “O Estado de São Paulo”. Entre os livros que publicou estão: “Filosofia Teológica e Filosofia Metafísica”; “Positivismo e Teologia”; “As Três Filosofias”; “Soluções Positivas da Política Brasileira”; “Os Abolicionistas e a Situação do País”; “A Cirurgia Antisséptica na Campanha do Egito”; “Teoria das Gastralgias e das Neuroses em Geral”; “O Século XX sob o Ponto de Vista Brasileiro”; “La Viticulture à Sant Paul”; “A Vinha da Civilização”; “A Febre Amarela”; “A Terra Roxa”; “Guia Prático ou Resumo de Indicações Práticas para Servir aos Fazendeiros, na Falta de Profissionais”; “Estudos Sobre as Águas Termiais de Caldas”; “A Horticultura e sua Influência no Caráter dos Povos”; “Epidemiologia e a Pecuária”, entre outros.

Foi um grande educador e, embora combatesse o academicismo (que para ele representava o passado), era, entretanto, defensor da abertura de novas academias.

Data de 24 de novembro de 1881 o decreto que criaria, em São Paulo, uma Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia, que, entretanto, não vingou. Esse decreto, certamente, teve a influência direta de Luiz Pereira Barreto, considerando que era líder da medicina paulista e, nessa área, nada acontecia de importante que não tivesse a sua especial providência.

A futura Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, o teve como um de seus fundadores, em 7 de março de 1895, Silogeu que teve a honra de ter sido seu primeiro presidente em um mandato anual, entre 1895 e 1896.

Seis anos antes (final de 1894, início de 1895), havia sido deflagrada campanha difamatória contra os médicos paulistas, que eram acusados de apresentar contas exorbitantes a serem cobradas no inventário de pacientes ricos falecidos.

Revoltados com a difamação que lhes recaía, os médicos prepararam uma reunião de desagravo, na qual estava Pereira Barreto. Nesse dia surgiu a ideia da criação da primeira entidade médica de São Paulo. Avençaram encontro para o dia 24 de fevereiro de 1895, na rua São Bento, 23, onde havia o consultório de Sérgio Meira.

Nesse dia ocorreu a primeira reunião preparatória, presentes os mais importantes nomes da medicina, como Arnaldo Vieira de Carvalho, Teodoro Reichert, Matias Valadão, Candido Espinheira, Amarante Cruz, Carlos Botelho, Luiz Pereira Barreto. Logo a seguir, aos 7 de março do mesmo ano, com mais vinte e oito nomes unidos em torno do mesmo ideal, deu-se a segunda reunião preparatória, quando foram aprovados os Estatutos da agremiação, estabelecendo-se, assim, aquela data como a da fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, depois renomeada como Academia de Medicina de São Paulo.

Uma semana depois, em 15 de março de 1895, houve a instalação solene da “Casa de Pereira Barreto”, no edifício da Faculdade de Direito de São Paulo, as Arcadas do Convento Franciscano, gentilmente cedidas pelo seu diretor, Barão de Ramalho. A entidade logo criou uma Policlínica, estabelecida na praça da Sé, que oferecia atendimento médico gratuito.

Pereira Barreto também foi sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e membro-fundador da cadeira nº 3 da Academia Paulista de Letras.

Em seus derradeiros anos de vida, ele aderiu francamente ao darwinismo e aos conceitos de eugenia, que funcionaria como uma espécie de medicina preventiva, preparando homens sadios capazes de assegurar nossa tranquilidade e prosperidade, aproveitando, assim, a lei natural da seleção, respeitando-se, porém, o princípio da moral, ao qual tudo deve subordinar-se.

Dedicou-se, também, à problemática do envelhecimento:

“Atirado em vida, desarmado, sobre um inóspito rochedo, o homem é um ente consciente, condenado sem apelo à morte. Todo o brilho das suas faculdades intelectuais e morais, ostentado durante a mocidade e a idade viril, desaparece tristemente na escuridão da última fase de sua curta existência. A velhice é uma imerecida humilhação e a morte é uma trágica injustiça. Não temos para nos defender senão o fraco e o vacilante filete de luz que a natureza, por grande favor, concedeu ao nosso cérebro. E é só com essa precária e frágil arma que temos de sustentar a luta pela vida”, escreveu Barreto, em 1921.

Em 11 de janeiro de 1923, no dia de seu 83º aniversário, contrariando os seus hábitos de madrugador, a porta do quarto em que dormia continuava fechada quando as outras pessoas da família despertaram. Aberta a porta, “encontrou-se caído e já em rigidez cadavérica o corpo do grande cientista” (O Estado de São Paulo, janeiro de 1923). Seu corpo foi sepultado no cemitério da Consolação.

Luiz Pereira Barreto foi um homem estupendo e de personalidade multifária. Além de médico, cirurgião, filósofo, político, cientista, agricultor e jornalista, foi um idealista, humanitário, pioneiro e patriota, que, em todas as mais diversas frentes de atividades nas quais atuou, destacou-se como operoso, sábio, erudito e honesto.

Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho (1867-1920), fundador da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, editou um livro sobre Pereira Barreto, em 1915, “por ocasião das festas promovidas para a consagração do médico, que durante 50 anos, prestara os mais assinalados e dedicados serviços à população paulista”.

O nome de Pereira Barreto está perpetuado em grandes vias públicas do ABC, Araçatuba, São Paulo, Ribeirão Preto e Mongaguá.

Possui uma escultura de bronze na Praça Marechal Deodoro da capital e dá o nome ao centro acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, na Vila Clementino

É o patrono da cadeira nº1 da augusta Academia de Medicina de São Paulo

Por fim deve-se mencionar que o município de Pereira Barreto, no interior de São Paulo, considerado paraíso ecológico graças ao grande lago de água doce que rodeia a cidade, recebeu esse nome em homenagem ao médico. ■